

CRÍTICA DE TEATRO

Excelências e fraquezas

Bastante propagandeado estreou-se, no Nacional, «Clamor», de Luísa Costa Gomes, um olhar sobre o padre António Vieira encenado por Ricardo Pais.

FERNANDO MIDÕES

A VISÃO que tive do espectáculo atira-me para uma análise atomística.

Aliás, será curioso referir, e independentemente disto, que a figura e a obra do grande português de Seiscentos (1608-1697) não as vejo em

globalidade, antes dicotomicamente: sim ao esplendor com que utilizou a nossa língua; não ao quinto império; sim à defesa dos índios; não a certos malabarismos diplomáticos seus... e assim sucessivamente.

Mas voltemos ao atomístico. Encontrei, no espectáculo do Nacional, algumas excelentes interpretações, absolutas, com predominância para o gesto e para a elocução (de que é caso flagrante, e acima de todos, a de Fernanda Alves, acompanhada pelas de Luís Madureira, João Grosso e André Gago), encontrei outras bastante boas em espaços do serão (e penso na sensibilidade de António Rama na fase derradeira do proposto), encontrei, ainda, um envolvimento musical inspirado e de altíssima qualidade (devido ao brasileiro Egberto Gismonti) e uma cenografia que me rendeu a perto dos 80 por cento (já que são muito dis-

cutíveis certos grafismos móveis parentes da banda desenhada, não se entendendo, também, certas definições de espaços, não visíveis capazmente por toda a sala).

Encontrei, também, e em contrapartida, um espectáculo ultra-alongado, farfalhudo (de texto e de encenação), em muitos momentos entediante e com frequência deficitário no relativo à prestação dos comediantes, em especial dos menos traquejados.

Por tudo isto, a visão atomística que me foi imposta é que não consente uma apreciação global, qualificadora de bom, mau ou médio.

De realçar o bem infra-estruturado do espectáculo, o inequívoco cuidado dramático existente e a coreografia plena de eloquência.

As malhas que tecem este objecto artístico são feitas de excelência e de fraquezas não resolvidas.

«Clamor», de Luísa Costa





WORLD TRADE CENTER LISBOA



*Gomes, sobre textos do pai-
dre António Vieira. Encena-
ção de Ricardo Pais. Assis-
tentes de encenação: Cândi-
da Vieira e Lúcia Maria. Ce-
nário e figurinos de António
Lagarto. Assistente de ceno-
grafia: Teresa Grácio. Assis-
tente de figurinos: Pedro Sá
Correia. Música original de
Egberto Gismonti. Coreo-
grafia de Vera Mantero. De-
senho de luz de Paulo Graça.
Elocução e voz a cargo de
Luís Madureira. Consultora
literária: Margarida Vieira
Mendes. Consultor de antro-
pologia: José António F.
Dias. Consultor de magia:
Luís de Matos. Intérpretes:*



DN-Eduardo Tomé

► **AFONSO MELO e João Grosso numa cena de «Clamor»**

*Afonso Melo, André Gago,
António Banha, António
Rama, Carlos Pimenta, Fer-
nanda Alves, Fernanda Luís,
João Grosso, Lúcia Maria,
Luís Madureira, Vítor Ribe-
iro e outros. Espectáculo em
cena, em Lisboa, no Teatro
Nacional Dona Maria II e
estreado em 29/3/1994.*

Travar atentado ao património

AS IMPLICAÇÕES ineren- | citando a revisão da atitude